



II International Conference  
**Learning and Teaching in Higher Education  
&  
Learning Orchestration in Higher Education**



**Orquestração de  
Aprendizagem no  
Ensino Superior**

## **ACTAS**

# **II International Conference Learning and Teaching in Higher Education/Learning Orchestration in Higher Education**

**21 E 22 DE MARÇO DE 2013**

**Organização:**



Projecto  
PTDC/CPE-CED/103195/2008  
FCOMP-01-0124-FEDER-009149



**Apoios:**



**Outros Apoios:**



Landscape. Changing Traditional Teaching

<b>Autor 1:</b>	<b>Maria Freire</b>
Afiliação Institucional:	UE-DPAO (Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento) & UE-CHAIA (Centro de História de Arte e Investigação Artística)
Categoria Profissional:	Professora Auxiliar
E-mail:	mcmf@uevora.pt
<b>Autor 2:</b>	<b>Isabel Joaquina Ramos</b>
Afiliação Institucional:	UE-DPAO (Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento) & UE-ICAAM (Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas)
Categoria Profissional:	Professora Auxiliar
E-mail:	iar@uevora.pt
<b>Dados de Contacto:</b>	
Endereço Postal:	Universidade de Évora, Apartado 94 – 7002-554 Évora Colégio Luís António Verney
Telefone/Telemóvel:	266745334, Extensão 25435

**Resumo**

Uma das medidas para a implementação dos objectivos da Convenção Europeia da Paisagem (CEP), prende-se com a responsabilidade de formar especialistas e desenvolver cursos universitários nos domínios do conhecimento e dos valores ligados às paisagens. Para além destes domínios, os alunos devem adquirir competências que lhes permitam intervir na conjuntura atual e numa perspectiva futura, de modo mais interdisciplinar e aproximado à complexidade da realidade. Por outro lado, a CEP considera fundamental a participação ativa de todos os atores, no sentido de melhorar o conhecimento das paisagens, ponderando os valores que lhe são atribuídos pelos diferentes intervenientes. Domínios propícios à

articulação dos campos de ação das universidades – de prestação de serviços à comunidade, investigação e ensino.

Esta pesquisa realça a necessidade de promover algumas mudanças – ao nível das atitudes dos professores e dos alunos e dos valores disciplinares a reforçar – observando a articulação de domínios disciplinares particularmente ligados à intervenção na paisagem.

Na perspectiva do ensino, as principais oportunidades suscitadas com tal articulação incluem: ambientes de trabalho mais reais, tarefas validadas por condicionantes e oportunidades mais autênticos, envolvimento de atores verídicos, experimentação de problemas atuais e maior responsabilização dos alunos. Exemplificamo-lo através da experiência didática do curso *Landscape Ambassador* (Programa Intensivo ERASMUS, entre escolas europeias e diferentes áreas disciplinares).

Estas são mudanças que envolvem toda a comunidade académica, no sentido de pensar de forma crítica e reflexiva sobre as práticas correntes e de conceberem formas sensatas e criativas de as melhorarem.

### ***Palavras-chave***

Paisagem, ensino, interdisciplinaridade, prestação de serviços à comunidade, participação

### ***Abstract***

One measure stated in Landscape European Convention (LEC) for its implementation, is related with the responsibility by universities to develop interdisciplinary courses that provide training for specialists in landscape knowledge and values related to landscapes. Additionally, students should develop knowledge and skills that will allow them to intervene today and in the future, in an interdisciplinary way and close to complex real life situations. Moreover, LEC also considers that an active participation of the actors involved is crucial to assess the landscapes thus identified, taking into account the particular values assigned to them by the interested parties and the population concerned. These are favorable domains to integrate the different resources of universities – services to the communities, investigation and teaching.

This research emphasizes the need to provide some changes – in attitudes of teachers and students and in the disciplinary values to strengthen – in the articulation of disciplinary domains related with landscape.

From the perspective of education, the main opportunities arising with such integration include: real life working environments, tasks validated by real constraints and opportunities, participation of real actors, experimentation with current problems, creating more accountability of students. Our aim is to give an example of this kind of teaching experience through the ERASMUS Intensive Course Landscape Ambassador (between different disciplinary European schools).

These are changes that involve the entire academic community, to think critically and reflectively about current practices and devise sensible and creative ways to improve them.

### **Keywords**

Landscape, teaching, interdisciplinarity, services to community, participation

### **1. O ensino tradicional e os desafios emergentes**

Grande parte dos educadores e investigadores descrevem os sistemas educativos contemporâneos como a ação de ensinar principalmente tratada pela via de o professor transmitir conteúdos aos alunos ('dar matérias'), privilegiando-se o acesso ao conhecimento. Porém, as definições de ensino, as teorias sobre o ensino e declarações sobre a educação recentes, evidenciam o papel do aluno e do contexto. Uma opção educacional que provoca mudanças radicais nas políticas educativas e alterações<sup>31</sup> curriculares e, conseqüentemente, modificações de comportamento dos professores e dos alunos. Ilustra-o a *Declaração mundial sobre educação superior para o século vinte e um: visão e ação*, ao sublinhar, no artigo 1º, a missão do ensino superior como "(...) educar, formar e fomentar a investigação (...) missões e valores nucleares ao ensino superior de contribuir para o desenvolvimento sustentando e o melhoramento da sociedade como um todo (...)." (UNESCO, 1999, p.21). O ensino superior envolve então competências e responsabilidades individuais e sociais e conteúdos humanistas e técnicos<sup>32</sup>, empreendidos em articulação com a formação de indivíduos altamente qualificados, a investigação e a prestação de serviços à comunidade (Freire, 2011). O papel da escola superior é assim muito mais alargado e compreende "*Investigação e educação como*

---

<sup>31</sup>Vide noções de 'educação' e 'ensino' na *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*; (Boutinet, 1990); (Patrício, 2001); (UNESCO, 1999).

<sup>32</sup> Centrados nos valores da pessoa humana e na arte de criar objetos úteis.

*processo de realização humana e de serviço comunitário, que se equivalem ao nível da universidade.” (Patrício, 2001, p.71).*

Na Europa, as mudanças apontadas relativamente ao ensino foram fundamentalmente encetadas com os desafios colocados pela *Declaração de Bolonha* (1999), que na última década levaram à reestruturação dos graus, reorganização das estruturas curriculares e estímulo do desenvolvimento de competências. É nesta perspectiva que as organizações curriculares dos cursos e as novas metodologias de ensino, se articulam com os desafios aliados às competências concretas a ensinar, tendo em vista o desejo de autonomia na gestão do conhecimento, bem como as melhores estratégias curriculares e pedagógicas para atingir essa autonomia (Simão & Flores, 2007). Dentro das transformações que têm vindo a ser experimentadas e operacionalizadas, é visível uma crescente consciência sobre a importância de sistemas cada vez mais interativos e integrados, o recurso às mais recentes tecnologias e o padronizar do ensino dentro da lógica de competências gerais e específicas, como o ilustram as várias orientações emanadas de diversas instituições com responsabilidades ao nível da educação (Freire, 2011). Resultado desta nova lógica de ensino parece surgir uma orientação que acentua a aprendizagem experimental reflectida, âmbito em que foi determinante o trabalho desenvolvido por Donald Schön (1987). Trata-se de uma reflexão orientada, que ajuda o aluno a tomar consciência na ação e sobre a ação, e que lhe permite construir e orientar o seu próprio saber, produzindo produtos concretos no decorrer da realização de tarefas.

## ***2. O ensino da paisagem em ambiente de estúdio***

A estratégia de ensino antes mencionada aproxima-se significativamente da prática tradicional associada ao ensino da paisagem, realizado em ambiente de estúdio<sup>33</sup>, em que a componente experimental se realça, bem como a componente de consciência na ação e sobre a ação. Tal circunstância diz-nos, assim, que se ingressa num domínio que é familiar ao ensino das formações ligadas à transformação da paisagem e particularmente comum nas arquiteturas. Essa é uma experiência pedagógica compreende um trabalho aplicado a situações próximas

---

<sup>33</sup> O estúdio é o lugar onde se junta a teoria e a prática, compreende a síntese e aplicação de conhecimentos e a apresentação dos trabalhos. Globalmente todo o trabalho é organizado à volta de exercícios ligados à prática profissional e da discussão de aspectos teóricos essenciais ao domínio disciplinar. É assim um ambiente de trabalho prático aplicado, realizado pelos alunos (de modo individual ou em grupo) com acompanhamento e orientação dos professores.

do real, de organização e desenho do espaço, onde se segue uma dada orientação metodológica.

Esta circunstância permite-nos trazer à discussão os aspetos que se salientam de tal experiência prática, designadamente as várias estratégias de ensino que a complementam, ou que lhe estão associadas, apontando-lhe as oportunidades bem como encaminhando-a no sentido de superar as limitações<sup>34</sup>. Neste contexto salienta-se o facto de não se explorar convenientemente a componente de ensino integrado, fundamental na contemporaneidade<sup>35</sup> (Freire, 2011).

A interdisciplinaridade no ensino da paisagem é uma consequência da própria natureza do processo de projetar e da crescente necessidade de integração disciplinar, que se vai construindo à luz dos objectivos de um ensino menos fragmentado de saberes. É sobre esta base de experiência de ensino que consideramos essencial romper as fronteiras entre as disciplinas envolvidas no ensino - condição de interdisciplinaridade que passa por alterações nos regimes, procedimentos de ensino, organizações curriculares e programáticas. Um percurso que é longo e que implica uma total reorganização do processo de ensino, obriga a uma reformulação de atitudes dos professores e dos alunos e a um trabalho continuado de cooperação entre professores. Essa integração pode traduzir-se num leque muito alargado de possibilidades, ainda que não haja uma consciência clara do que é possível e desejável fazer na perspectiva de integração disciplinar (Pombo, 1994). Entre as possibilidades, pensadas na perspectiva de uma qualquer integração disciplinar de carácter mais geral, e aplicáveis a um domínio disciplinar mais específico, encontram-se: a transposição de conceitos, terminologias, tipos de discursos e argumentações, a cooperação metodológica e instrumental, transferência ao nível de conteúdos, problemas, resultados, o uso comum de estudos de caso, e as aplicações concretas através de trabalhos práticos desenvolvidos em grupo, entre outros (Freire, 2011).

### ***3. A valorização da paisagem e do seu ensino***

Na Europa, no quadro de valorização da paisagem, salienta-se, entre as medidas para a

---

<sup>34</sup> Essas práticas didáticas são especialmente tratados como treino e/ou preparação para a prática profissional e menos numa perspectiva de ensino (Freire, 2011).

<sup>35</sup> A ideia de interações entre unidades curriculares ou mesmo de desaparecimento das fronteiras disciplinares rígidas, é uma aspiração emergente na contemporaneidade.

implementação dos objectivos da Convenção Europeia da Paisagem<sup>36</sup> (CE, 2000), aquela que se prende com a responsabilidade de formar especialistas e desenvolver cursos universitários no domínio do conhecimento e dos valores ligados às paisagens e das questões relativas à sua proteção, gestão e ordenamento. *“Preocupados em alcançar o desenvolvimento sustentável estabelecendo uma relação equilibrada e harmoniosa entre as necessidades sociais, as atividades económicas e o ambiente;”* e *“constatando que a paisagem desempenha importantes funções de interesse público, nos campos cultural, ecológico, ambiental e social, e constitui um recurso favorável à atividade económica”* (CE, 2000: preâmbulo), a formação interdisciplinar assume particular importância, nomeadamente no que se refere à complementaridade disciplinar e troca de experiências e de resultados de investigação no domínio da paisagem.

Esse desígnio decorre da paisagem ser um conceito polissémico, porque utilizado de diferentes maneiras por várias ciências, bem como um conceito multidisciplinar, transversal a vários domínios, desde os artísticos aos científicos. Uma circunstância que se argumenta no facto de a paisagem ser uma realidade multifacetada (biológica e física, aparência ‘aquilo que se vê’ ou emoção que desperta sentimento) e uma realidade multifuncional (económica, social e histórica, ecológica e estética), com significados de produção, de proteção e de recreio (de suporte à atividade humana - agricultura, floresta, indústria, recreio, circulação, edificação - de ecossistema, de registo histórico, de inspiração criativa).

#### ***4. O ensino da paisagem no contexto da Universidade de Évora***

Entre os vários cursos a decorrer na Universidade de Évora, especialmente ligados à paisagem, tem-se a formação em arquitetura paisagista. Entre a oferta formativa, tanto ao nível do 1º como do 2º ciclo, encontram-se muitos outros cursos que apresentam uma

---

<sup>36</sup> A Convenção Europeia da Paisagem, também conhecida por Convenção de Florença (cidade onde foi adoptada em Outubro de 2000), é uma iniciativa do Conselho da Europa que tem por objectivos promover a proteção, gestão e ordenamento das paisagens europeias e organizar a cooperação europeia sobre os temas da paisagem. É o primeiro tratado internacional dedicado exclusivamente a todas as dimensões da paisagem europeia. A CEP aplica-se a todo o território dos Estados que a ratificaram e *“(…) incide sobre as áreas naturais, rurais, urbanas e periurbanas. Abrange as áreas terrestres, as águas interiores e as águas marítimas. Aplica-se tanto a paisagens que possam ser consideradas excepcionais como a paisagens da vida quotidiana e a paisagens degradadas.”* (CE, 2000: artº 2º).

participação, mais ou menos atuante, na transformação da paisagem<sup>37</sup>: arquitetura, geografia, geologia, biologia da conservação, agronomia, engenharia civil, engenharia florestal, ecologia da paisagem<sup>38</sup>, gestão e conservação dos recursos naturais, economia, sociologia, história e arqueologia, turismo, entre outros - os regularmente convocados na constituição de equipas multidisciplinares, aquando da realização de estudos ou projetos que visam a intervenção na paisagem<sup>39</sup>.

De um modo geral, na estrutura curricular de tais cursos é visível o envolver das áreas disciplinares que lhe são auxiliares e, com alguma frequência, em certas unidades curriculares restringidas, há um esforço nessa integração, nomeadamente através do convocar de formações ou domínios auxiliares que asseguram matérias específicas. A título de exemplo, nas unidades curriculares relacionadas com Estudos da Paisagem – como o Ordenamento da Paisagem e do Território, do mestrado em Ciências da Paisagem (em revisão), ou Ordenamento da Paisagem I e II, do 2º ciclo em Arquitetura Paisagista - ocorre uma estruturação em módulos temáticos, assegurados por diferentes docentes de diversos departamentos (como os de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Economia, Sociologia ou Engenharia Rural) ou ainda o esforço de se trazerem, muito pontualmente, profissionais para participar nos ensinamentos, quer apresentando as suas experiências de trabalhos quer a investigação que têm vindo a desenvolver. No entanto, ainda que os diferentes saberes e experiências sejam transmitidos aos alunos, não lhes é dada a possibilidade da sua aplicação conjunta, a um caso concreto, onde possam experienciar que metodologias devem utilizar no sentido da integração desses saberes e onde possam experimentar um verdadeiro trabalho em equipas interdisciplinares. A abordagem processa-se de forma sectorial e não holística, um sentido que há que inverter dadas as características, já assinaladas, inerentes ao conceito de paisagem.

Como descrevemos antes, a experiência de estúdio não impulsiona verdadeiras práticas interdisciplinares, as quais podem ser implementadas nas seguintes condições: problemas reais com ambientes de trabalho mais realistas (social, político, económico, administrativo), tarefas validadas por restrições e oportunidades autênticas; apoio oportuno, com

---

<sup>37</sup> Veja-se oferta formativa da Universidade de Évora (<http://www.estudar.uevora.pt/Oferta>).

<sup>38</sup> Ainda em aprovação, mas com o antecessor de Ciências da Paisagem.

<sup>39</sup> Na sua maioria tratam-se de áreas disciplinares que se inscrevem predominantemente entre dois maiores domínios - o das Ciências e o das Artes – a decorrer na Universidade de Évora nas Escolas de Ciências e Tecnologia, Escola de Artes e Escola de Ciências Sociais.

envolvimento dos diversos atores envolvidos; ligação de várias disciplinas, metodologias e informações adequadas, com a oportunidade de trabalho entre alunos, professores, moradores (Freire & Ramos, 2012).

Podemos assim afirmar que a integração de saberes e a interdisciplinaridade é ainda um processo com reduzida afirmação se observada no domínio das formações que intervêm na paisagem. Esta é uma prática que observamos fundamental à luz da necessária integração disciplinar que há que fazer ao nível do ensino superior.

### ***5. O ensino da paisagem, o caso estudo curso intensivo Landscape Ambassador***

O *Landscape Ambassador* (Michelin *et al.*, 2008; Pinto-Correia, 2008; Freire & Ramos, 2012) é um curso Intensivo *ERASMUS*, de duas semanas, que se desenvolve ao nível de ensino de 2º ciclo (mestrado). Foi iniciado em 2004 pelo Grupo PERISCAPE, uma rede de investigadores, professores universitários, de seis países europeus (Hungria, Eslovénia, Noruega, Suécia, França e Portugal), com formações diferentes – Arquitetura Paisagista, Arquitetura, Silvicultura, Agronomia, Geografia e Engenharia Biofísica, que começou por ser um grupo informal de discussão sobre novos abordagens e métodos de ensino direcionados para estudos sobre Paisagens Periféricas na Europa, nomeadamente no que se refere à aplicação da Convenção Europeia da Paisagem, onde se reforça que os estudos de paisagem deverão ser orientados por trocas de experiências e de metodologias, ao nível europeu.

O curso já contou com sete edições, tendo sido organizado em cada ano por cada uma das sete universidades envolvidas, no respectivo país. Em cada edição, cada escola pode levar até cinco alunos e pelo menos um professor.

O objetivo principal é fornecer aos alunos as ferramentas e competências necessárias ao desenho de soluções integradas para problemas reais e demonstrar que cada lugar tem uma identidade única (com diferentes potenciais e problemas, ou seja, não há soluções únicas para problemas semelhantes) e cada área disciplinar é complementar na reflexão e ação que se desenvolve sobre a paisagem.

O curso tem como objecto central um caso de estudo baseado numa situação real local, envolvendo a comunidade. As áreas de estudo escolhidas são paisagens multifuncionais, onde diferentes questões se colocam, como alterações agrícolas, exploração florestal, pressões de turismo, expansão urbana, conservação da natureza em áreas protegidas e não-protegidas ou paisagens transfronteiriças, entre outros.

De acordo com as diferentes questões em estudo na paisagem escolhida, são formados sete grupos de cinco alunos, cada. Os alunos são livres de escolher o seu próprio grupo (tema de trabalho), de acordo com os seus conhecimentos, as suas preferências e sensibilidades, mas algumas condições devem ser tidas em atenção na composição dos grupos:

- um aluno residente, que fale a língua do país onde o curso decorre – a língua oficial do curso é o Inglês, mas é importante ter alguém no grupo que possa comunicar com os locais na sua própria língua;
- um aluno de cada nacionalidade – promove-se o intercâmbio de conhecimentos entre as diferentes culturas;
- um aluno de cada formação – promove-se a interdisciplinaridade.

O objetivo é aumentar a consciência sobre a forma como cada um percebe a paisagem e a importância que cada um dá a aspectos diferentes, de acordo com a sua formação e contexto vivencial. Mais ainda, pretende-se que os alunos reconheçam que a visão e conhecimento de cada especialidade é tão valioso quanto o seu – o que deve estar sempre presente no diálogo com os diferentes atores envolvidos.

Durante a primeira semana do curso, os professores das diferentes escolas (a que correspondem também diferentes formações) apresentam o enquadramento teórico necessário para o caso específico. Ainda que com alguma variação de ano para ano, esta base assenta sempre em aspectos relacionados com a ecologia da paisagem, o ordenamento e gestão da paisagem, a silvicultura, a agricultura, a estética da paisagem, a representação da paisagem e como fazer entrevistas formais e informais, entre outros. Por outro lado, são convidados oradores locais com o objectivo de contextualizar e proporcionar uma visão real das questões em apreço. Estes convidados podem ser pessoas do governo local ou regional, organizações não-governamentais, investigadores, empresários ou outros atores com importância para o caso de estudo.

O trabalho desenvolve-se numa abordagem aplicada, onde o conhecimento sobre a paisagem é baseado em trabalho prático e onde é fundamental o conhecimento transmitido pelos atores locais (Michelin *et al.*, 2008). Os grupos desenvolvem o trabalho individualmente, com a supervisão de um dos professores – cada grupo tem um professor "residente" mas todos os professores estão envolvidos em todos os grupos, a fim de que cada grupo tenha uma visão partilhada das diferentes disciplinas e para que, no final, o resultado seja um trabalho comum

a todos os grupos, onde as diferentes respostas concorrem para uma proposta final. A metodologia seguida pelos grupos é um misto de trabalho em estúdio (Figura 1) e fora dele.



Figura 1 – Preparação do trabalho em estúdio. Sopron, 2012.

Os alunos sentem muitas vezes necessidade de percorrer o local em estudo (sozinhos ou com os professores) para sentir o lugar ou para fazer algum reconhecimento de campo, conversar com as pessoas, desenhar ou tirar fotos, fazer blocos-diagrama ou recolher dados estatísticos, entre outros. Acresce a informação recolhida com base em entrevistas previamente agendados – por exemplo com os proprietários de parcelas agrícolas ou florestais, políticos, empresários ou instituições (Figura 2). As entrevistas podem ser estruturadas ou semi-estruturadas, previamente preparadas com a ajuda dos professores. Ao final do dia, todos os alunos e professores reúnem e discutem o trabalho realizado, partilhando dificuldades e experiências *intra* e *inter* grupo.

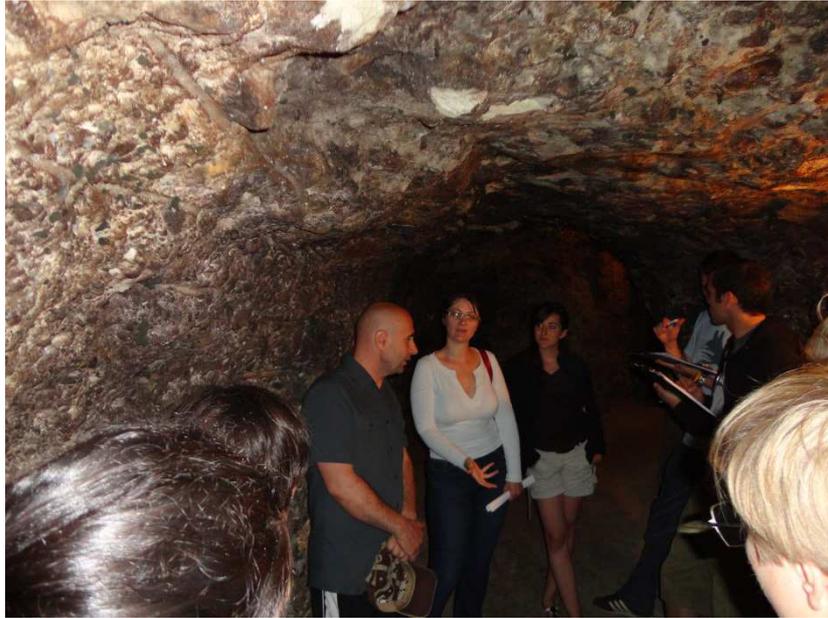


Figura 2 - Produtor de vinho a ser entrevistado pelos alunos

A meio da segunda semana os alunos começam a integrar o seu trabalho – o que leva tempo - para preparar a apresentação e relatório finais. A apresentação final do trabalho realizado é feita num local público, como a Câmara Municipal ou a sede de uma instituição ou associação (Figura 3). Todos os envolvidos no curso são convidados a participar, incluindo todos a quem foram feitas entrevistas bem como a população local e as autoridades locais e regionais e outros interessados. A imprensa é também convidada a participar. São distribuídos panfletos pelos estabelecimentos comerciais e institucionais, convidando as pessoas a participar.



Figura 3 – Alunos a apresentar o trabalho final. Sede de um parque natural. Lista, Noruega, 2011.

Esta apresentação final é fundamental para que os alunos sintam o seu trabalho reconhecido pelos atores locais e decisores reais e não apenas pelos docentes que, regra geral, avaliam os seus trabalhos. Por outro lado, os diferentes intervenientes sentem que as suas opiniões foram tidas em consideração e que os seus conhecimentos são válidos no encontrar de soluções adequadas a cada situação, criando-se um compromisso para a ação que nem sempre é conseguido quando as decisões são tomadas de forma unilateral. Veja-se por exemplo a experiência havida aquando da realização do curso na Suécia (em 2008), onde os temas a estudar decorreram de questões levantadas pelos próprios residentes. A forma como o trabalho foi conduzido levou a que, desde então, a população tenha vindo a implementar as ações propostas pelo grupo de alunos, com o acompanhamento dos docentes suecos. Este e outros casos podem ser dados como exemplo de uma abordagem inter e transdisciplinar, onde todas as partes são beneficiadas. Para além da experiência de ensino, prestou-se um serviço à comunidade que de outra forma não teria sido possível. Do ponto de vista do ensino, sair do campo teórico individual para visões integradas em termos científicos e empíricos, revela-se uma fonte de criatividade e enriquecimento inestimáveis.

## **6. Conclusão**

A nossa proposta assenta assim num ensino com envolvimento de múltiplas estratégias educacionais, oportunidades autênticas bem sustentados em práticas interdisciplinares. Interligar áreas disciplinares, instituições, partes interessadas e comunidades na resolução de um problema existente, com a possibilidade de os alunos verem o seu trabalho utilizado ou publicado. Uma conjugação que torna o trabalho tradicionalmente realizado em estúdio mais motivador e, como consequência, com resultados superiores, o que se traduz numa notável dedicação e maior envolvimento de todos.

As experiências tidas no decorrer do *Landscape Ambassador* permitem afirmar que, à medida que o curso decorre e que os alunos sentem que fazem parte da resolução do problema, vão-se apercebendo da complexidade da paisagem e, conseqüentemente, da multiplicidade de visões necessárias aos estudos com ela relacionados. Ainda que as abordagens centradas em apresentar matérias e estudos já realizados seja fundamental na construção de bases de conhecimento, o envolvimento experimental em situações reais proporciona uma verdadeira e aplicada dimensão desse conhecimento, nomeadamente no que se refere à sua articulação e integração – dimensões para além do que se consegue transmitir em termos teóricos.

Este é o desafio que se coloca tanto a alunos como aos docentes, sendo um exercício bastante enriquecedor não só do ponto de vista de troca de experiências e de conhecimento mas também do ponto de vista pessoal, onde a comunicação – entre alunos e professores, académicos e não académicos, instituições e população em geral – assume um papel fundamental.

### ***Referências Bibliográficas***

Boutinet, J. (1990). *Antropologia do projecto*. (J. Rego, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.

Conselho da Europa. (2000). *Convenção Europeia da Paisagem*. Estrasburgo. (<http://www.dgotdu.pt/cp/>).

Declaração de Bolonha (1999). Declaração conjunta dos ministros da educação europeus. ([http://www.ond.vlaanderen.be/hogeronderwijs/bologna/links/language/1999\\_Bologna\\_Declaration\\_Portuguese.pdf](http://www.ond.vlaanderen.be/hogeronderwijs/bologna/links/language/1999_Bologna_Declaration_Portuguese.pdf)).

*Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo (Vol. 7).

Freire, M & Ramos, I. (2012). Towards a different approach in teaching landscape design. A cross educational, cultural and disciplinary strategy. In J. Burley, L. Loures & T. Panagopoulos (Eds.). *Proceedings of 5th WSEAS International Conference on Landscape Architecture (LA'12)*, University of Algarve, Faro, Portugal, May 2-4, 2012, pp. 66-71. ISBN: 978-1-61804-090-9. ([http://www.apdr.pt/congresso/2012/proccedings\\_atas.html](http://www.apdr.pt/congresso/2012/proccedings_atas.html)).

Freire, M. (2011). Para uma diferente aproximação ao ensino do projeto de arquitetura paisagista. Tese de doutoramento. Universidade de Évora, Évora.

Michelin, Y., Gustavsson, R., Pinto-Correia, T., Briffaud, S., Geelmuyden, A. K., Konkolye-Gyuro, E., Pirnat, J. (2008). The Landscape Ambassador Experience: towards a new educational approach for improving landscape planning and management with farming systems and the European Landscape Convention in mind. Presentation held at the *8th European IFSA Symposium* in Clermont-Ferrand, France, 6-10 July.

Patrício, A. (2001). A formação de professores no ensino superior: urgência, problemas e perspectivas – da formação de professores no ensino superior à formação dos professores do ensino superior. In C. Reimão (Org.). *A formação pedagógica dos professores do ensino superior* (pp. 73-82). Lisboa: Edições Colibri.

Pinto-Correia, T. (Coord.), (2008). *Final Report of the International Intensive Program Landscape Ambassador – New Insights for Old Rural Landscapes: the multifunctional challenge*. Montemor-o-Novo, Portugal.

Pombo, O. (1994) Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In O. Pombo, T. Levy, & H. Guimarães. *A Interdisciplinaridade: reflexão e experiência* (2a Ed., 1a Ed. 1993, pp.8-14). Lisboa: Editora Texto.

Schön, A. (1987). *Educating the reflective practitioner: toward a new design for teaching and learning in the professions*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Simão, A., & Flores, M. (2007). Oportunidades e desafios no ensino superior: resultados de alguns estudos realizados em Portugal. In *Actas das V Jornadas de Redes de Investigación en Docencia Universitaria*, Universidade de Alicante, Alicante, Espana.

UNESCO (1999). Declaração mundial sobre educação superior para o século vinte e um: visão e acção, *Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, Relatório Final*.

Página web: <http://www.estudar.uevora.pt/Oferta>.